

O progresso chegou à vila, assustou os habitantes e fez surgir a Associação

Quando a industrialização teve início, com a implantação da Aracruz Celulose, a população de Barra do Riacho registrou um crescimento inusitado: passou de mil para três mil pessoas.

Vieram os problemas. As pequenas fazendas e roçados desapareceram para dar lugar à plantação do eucalipto. Os tabuleiros dos recifes, de onde se retiravam búzios, polvos, lagostas, cederam lugar ao porto de exportação de celulose. O que ainda havia de Mata Atlântica desapareceu.

Os nativos, desconfiados, recuaram ante a grandiosidade do complexo multinacional. A chegada de novas populações quabrou o ritmo normal de vida, na área, onde surgiram as casas de lenocínio.

O impacto manteve o povo de barra do Riacho arredio até 1980. Foi quando surgiu a Associação Comunitária; com ela, a consciência de luta. A população elegeu pelo voto-direto o subdelegado. Conseguiu diminuir a delinquência, melhorou ruas, adquiriu esgotos e água.

O desafio, era, ainda, a fábrica, gigantesca, ali fixada. A Associação decidiu retomar os valores culturais locais, preservar suas — bandas de congos. E, ao final, cobrou da própria empresa uma ajuda, conseguindo apoio para inúmeros dos seus planos.

A ação comunitária evitou que Barra do Riacho sucumbisse. Afinal, não poderia desaparecer, assim, do dia para a noite, uma comunidade indígena fundada por volta de 1850, por onde um dia até o Imperador passou.

José Maria Coutinho professor da Universidade Federal do Espírito Santo, elaborou um trabalho que lineia bem a maneira como a alternativa comunitária pode contrabalançar o impacto industrial e o desequilíbrio sócio-econômico, usando como tema Barra do Riacho, sua terra.



Maura Fraga

Em 1980, a população de Barra do Riacho criou a sua Associação Comunitária para lutar por seus direitos, reivindicando melhoria da qualidade de vida local. Desde o início, a atividade da ACBR foi assentada em cinco pontos principais: nutrição, saúde, educação, trabalho e habitação.

Com o tempo, o grau de conscientização da comunidade aumentou. Surgiram as assembleias comunitárias com até 400 participantes, e a ACBR, que agora completa quatro anos, conseguiu a diminuição do índice de criminalidade na região, a queda também do índice de doenças venéreas e delinquência juvenil e acabou realizando a primeira eleição direta para subdelegado, no Estado, com 350 votantes.

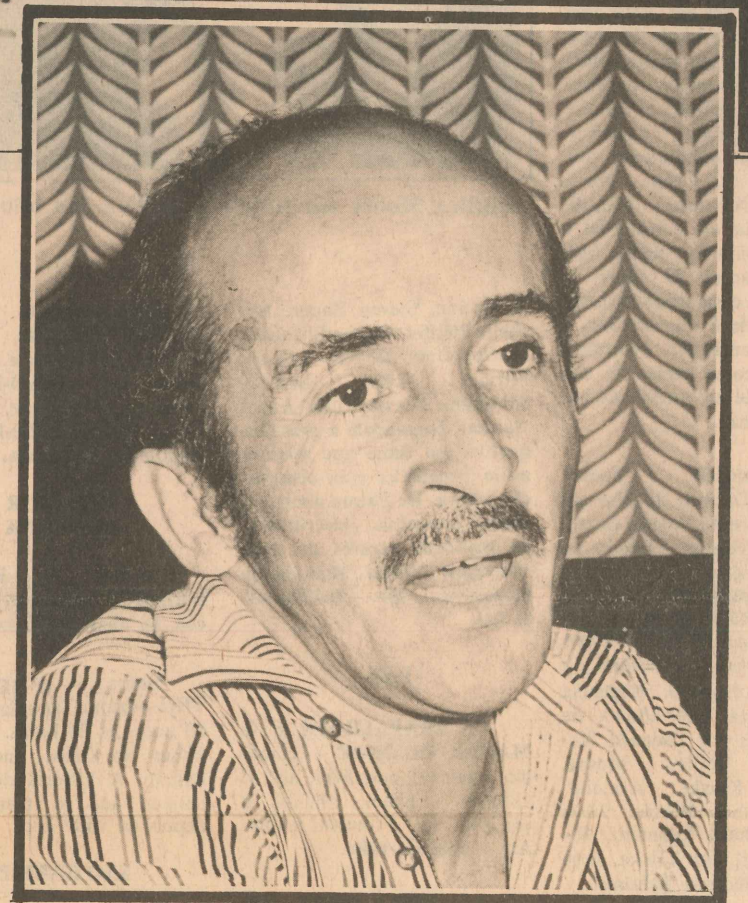
A Associação, em seus relatórios, detalha também outras

promoveu o desenvolvimento da população barrense, nem dos migrantes que ficaram no local e, hoje, ou estão como subempregados ou desempregados.

— O empobrecimento da região e sua população é um resultado direto das perdas criadas pela corporação multinacional — assinala o professor ainda. Além de ter perdido a maioria e os melhores empregos, devido à pouca escolaridade, os barrenses perderam também a Mata Atlântica, já devastada pela Companhia Ferro e Aço na década de 1950. O porto de exportação destruiu o tabuleiro de mariscos, uma perfeita integração do homem com o ecossistema.

Todas essas transformações motivaram a criação da Associação Comunitária. Afinal, a industrialização, como era de se prever, aumentou a população. Em três anos — de 1975 a 1978 — ela triplicou de mil para três mil habitantes.

Uma das principais iniciativas



Coutinho, o professor, e a comunidade, mudando a vida em Barra do Riacho através de um trabalho que utiliza discussões sempre abertas

Coutinho é professor de História da Educação na graduação e Sociologia da Educação, no mestrado em Educação do Centro Pedagógico da Ufes.

Esse trabalho foi feito com base nas aspirações e objetivos comunitários, discutidos em assembleias regionais, de 1978 a 1983. Trata-se de um projeto de desenvolvimento integrado e transformacional. O que se busca é um modelo de vida do interior que se transforma refletindo suas origens.

Aracruz também foi tema de uma tese de doutorado apresentada pelo professor na Universidade da Califórnia, de Los Angeles, sob o título **Modernização Industrial, Educação e Ocupação: um Estudo de Desenvolvimento dependente em Aracruz, Espírito Santo, Brasil**".

Nela o autor analisa historicamente a incorporação do Brasil à estrutura internacional da dependência como produtor de matérias-primas e as suas consequências para a classe pobre.

Ele, também aborda o papel da educação brasileira na reprodução interna da dependência e suas implicações para a mobilidade social, além de examinar "a contribuição da educação para a mobilidade social da modernização industrial dependente, recente em Aracruz, Espírito Santo, Brasil, via relação entre êxito educacional e status ocupacional, de trabalhadores nativos e migrantes".

tórios, também outras conquistas: a pavimentação da rua principal da cidade, esgoto e água para a Barra do Riacho, criação da coleta de lixo pela Prefeitura, instalação do posto telefônico e implantação, junto ao posto de saúde, de um laboratório. E ainda conseguiu elevar Barra do Riacho, à categoria de distrito, aguardando apenas a homologação pela Assembleia Legislativa.

IMPORTANTE

Para o professor José Maria Coutinho, da Ufes, autor do estado **Projeto Educacional de Desenvolvimento Comunitário da ACBR — Associação Comunitária de Barra do Riacho —: Uma alternativa comunitária para contrabalançar o impacto industrial e desequilíbrio sócio-econômico**". "A industrialização de comunidades rurais tradicionais, em geral, produz situações contrastantes durante o processo. O impacto da industrialização acelera e altera o que poderia ser a evolução normal do progresso em microsistemas sociais".

"Uma das primeiras alterações", assinala, "é a criação de uma nova divisão de trabalho dentro da nova estrutura sócio-econômica. Surgem novos valores até mesmo na seleção de pessoal para o trabalho. Exemplo seria, no caso de Barra do Riacho, o fato de, com a instalação da Aracruz Celulose, "apesar do grande número de empregos, poucos terem sido oferecidos aos nativos, devido ao seu baixo nível de escolaridade. Assim, hoje, apenas cerca de 120 estão efetivamente empregados, embora haja, ali, muitos desempregados que desfrutam de escolaridade ginásial e até de segundo grau, além de alguns universitários".

Após a implantação da fábrica, e início de suas operações em 1978, segundo o professor, ainda, Barra do Riacho estagnou econômica e financeiramente. Indústria poupadora de mão-de-obra, a celulose não

Uma das principais iniciativas da comunidade barrense — que perdeu suas matas e tabuleiros de ouriços, lagostas e camarões — foi preservar a cultura local, cuja base é o folclore. A partir de sua revitalização, ressurgiram a banda de congo, o teatro popular, as feiras comunitárias e até um jornalzinho comunitário foi feito, para narrar os últimos acontecimentos da área.

Segundo o professor José Maria Coutinho, hoje, porém, a Associação "sonha mais alto. Com base nas discussões realizadas através de assembleias comunitárias, sobre necessidades, interesses e aspirações da população local, elaborou um projeto para incentivar a produção de alimentos, melhoria de saúde, criação de empregos, habitações populares e ampliação do ensino".

— O projeto se subdivide, definindo uma sede para a ACBR, cooperativa hortifrutigranjeira, cooperativa pesqueira, associação escola-comunidade, centro de treinamento de habilidades, mini-hospital, programa habitacional comunitário, turismo e lazer. Agora, com o apoio da Aracruz Celulose, Prefeitura Municipal e Governo, além de organizações internacionais como a Inter-American Foundation, a Sister Cities International e até mesmo o escritório Baha'i de Desenvolvimento Sócio-Econômico Internacional.

A comunidade reivindica, de imediato, a instalação de um posto do Banestes, criação da escola de segundo grau, lotes para a população, já prometidos pela Prefeitura de Aracruz e instalação da Cooperativa Pesqueira, pelo Governo.

EXPECTATIVA

O professor da Ufes assegura que a ACBR propõe uma transformação qualitativa na vida do povo local: "Seu principal objetivo é compensar as perdas sofridas pelos barrenses com a industrialização".

A declaração seguinte pode soar contraditória, mas ele garante que "a maior esperança do projeto está na Aracruz Celulose, que já manifestou-se solidária com a comunidade em diversas ocasiões, como em 1979, quando socorreu as vítimas da grande enchente e chegou a impedir a destruição de Barra do Riacho, colocando pedras na margem do rio Riacho".

Em 1981, a população obteve da empresa a instalação do posto policial, aluguel e móveis para a subdelegacia, além da manutenção dos soldados. Em 1983, doou uniformes para a escola Caboclo Bernardo.

— Nós queremos continuar contando com este apoio, comenta o professor. Para implementarmos a cooperativa hortifrutigranjeira precisamos de 200 hectares de terra que circundam a Barra do Riacho, de propriedade da Aracruz, entre os trilhos da estrada de ferro e o mar. Ali, com o apoio da Aracruz, Prefeitura e Governo, pretendemos construir uma granja, um hortão comunitário, plantação de cereais básicos e um pomar, onde deverão trabalhar estudantes e desempregados.

A comunidade aguarda também a liberação, pela Prefeitura, de uma área que, terraplenada, loteada e urbanizada, será o embrião do Programa Habitacional Comunitário. Na área educacional, onde os moradores atuam através da Associação Escola-Comunidade, além da escola de 2º grau, há interesse em doar pelo menos uma refeição diária para os alunos de primeiro grau, pré-escolar e creche, a fim de melhorar o rendimento na aprendizagem.

Um outro desafio a que a Associação se propõe é a alfabetização dos adultos, associada à criação de um setor que ensine às mães como adotar os cuidados básicos de higiene, puericultura e educação juvenil. O mini-hospital deverá ser ampliado com a construção de maternidade, enfermaria e, ainda, rece-

ber assistência médica 24 horas por dia.

A PESCA

Barra do Riacho, com mais de 100 pescadores, é hoje a maior colônia pesqueira do Estado. A Associação pretende obter do Governo do Estado e Sudepe uma cooperativa em que esses trabalhadores participem como sócios e proprietários dos instrumentos de produção, com a comercialização feita a nível local, sem intermediários.

Numa de suas últimas assembleias, em maio, a Associação decidiu criar meios "que evitem a transformação dos pescadores de Barra do Riacho em proletários de alguma empresa de fora, que os explore ou descapitalize". Ela quer incentivar a fabricação de barcos pelos artesãos locais, que há dezenas de anos constroem seus botes e canoas, criando mais empregos "e perpetuando técnicas de construção de barcos entre as novas gerações".

Para criar empregos adicionais, no setor de economia informal deverá ser instalado o Centro de Treinamento de Habilidades, onde se faz o aproveitamento de barro e batinga na fabricação de utensílios e até cerâmica. Nesse local, aproveitasse também o trabalho de costureiras, bordadeiras e tricoteiras.

Há, nos planos da Associação, um projeto turístico que inclui a abertura de uma praia virgem, com a construção de uma pequena floresta tropical próxima à foz do rio. E a criação do museu, através do tombamento do mais antigo prédio local, casa-grande dos tempos das senzalas.

Segundo o professor José Maria, a importância da proposta de desenvolvimento econômico-social da ACBR "reside em suas metas razoáveis, fáceis de serem alcançadas e que representam uma abordagem total do desenvolvimento rural, indo desde as construções leves à produção pesqueira, saúde e educação".